

A man with dark hair, wearing a blue hoodie, is kneeling in a dark, textured environment. He is surrounded by glowing, golden energy lines that swirl around him, suggesting a magical or spiritual presence. The background is dark and grainy, with some light reflecting off the surface.

MÓNICA ESPERANÇA  
ENTRE 2 MUNDOS

O Homem perdeu-se de si próprio, caminhando oco, ausente do propósito da sua existência. São poucos os que procuram a verdade sobre si mesmos e menos ainda aqueles que sentem o fervor da luta por liberdade a arder dentro do peito. São quase inexistentes os que escolheram ganhar consciência...

O mundo ergueu-se sobre os pilares dos senhores das trevas até ser apenas sustentável viver no silêncio. O poder tornou-se na chave de qualquer porta. Os Deuses perderam quase toda a sua fé nos Homens e no invisível lutam por um despertar de massas, um novo começo.

# Capítulo 1

## O SONHO

---

Sempre gostei da sua ideia sobre a cidade de Los Angeles, sempre tão soalheira e quente. Jack era o seu nome na altura. O seu espírito era jovem e honestamente acreditava que se trabalhasse o suficiente os seus sonhos tornar-se-iam realidade. Naquela época os sonhos eram bem mais simples do que nos tempos conturbados dos homens de hoje. Jack desejava ter uma família acima de tudo, trabalhar o suficiente para poder construir um lar e viver uma vida justa e condigna. O seu coração sempre havia sido forte, nunca desistia de uma luta se acreditasse na sua causa. A pesquisa e os estudos eram uma das suas maiores lutas. Jack acreditava que a vida nos daria sempre as respostas de que precisávamos se procurássemos por elas o tempo suficiente. Por isso, dedicava grande parte do seu tempo à faculdade de Medicina e investigação de Los Angeles. Mas tudo isto soube muito mais tarde. No início tudo parecia enublado. E no início, tudo o que eu tinha eram sonhos sem respostas. Acordar com a sensação de uma ligeira brisa de desejo e de não o querer perder. Mas como poderia eu perdê-lo? Eu não o tinha, apenas a memória de um passado que até há pouco tempo desconhecia.

Por vezes nos meus sonhos tinha acesso a imagens desconexas de como era a nossa vida naquela época. Outras vezes podia reviver momentos. De um modo ou do outro, o despertar nunca era tranquilo, como se sentisse que algo estava prestes a acontecer.

A casa antiga onde vivia estava igualmente repleta de memórias. De memórias nossas...de uma vida passada da qual ele não tinha consciência. Eu podia vê-lo nos meus sonhos, uma e outra vez, e mesmo assim não entendia as razões pelas quais sonhava com ele. Não saber quem era aquele homem e que lugar tinha nas minhas memórias do presente inquietava-me. Mas pior do que a dúvida sobre os motivos que me faziam lembrar aquele ser do meu passado, era o desconforto com que acordava ao perceber que um dia eu já tinha sido humana. Isso punha em causa tudo o que me havia sido ensinado. No meu mundo não havia lugar para os Homens. Era-nos dito que os seus corações pobres enegreciam os seus espíritos. Saber que um dia pertenci ao seu povo mudava tudo. Talvez já tenhamos sido tudo o que existe ao longo dos milhares de anos da nossa existência...Mas havia outra coisa que me incomodava mais do que tudo...a sensação de desejo de o ter perto.

Havia um sonho que se repetia vezes sem conta. Eu estou no interior daquela casa, sentada sobre o alpendre da janela da sala. Consigo ver o pôr-do-sol sobre a linha da estrada que finaliza o meu horizonte e no momento a seguir vejo-o subir a rua. O reflexo do sol cobre o seu rosto, não me deixando vê-lo com clareza. Posso ver o seu cabelo castanho acobreado e perceber que a sua tez é clara. Com as mãos enfiadas nos bolsos sobe a passo ritmado a rua íngreme até à calçada por baixo da casa onde me encontro. No mesmo momento olha na minha direcção como se esperasse lá me encontrar. No seu rosto, quando me vê, destaca-se o seu sorriso e a cor dos seus lábios rosados. Pergunto-me se os homens serão assim tão rudes. Aquele homem não o era. Só alguém com um coração nobre pode conseguir a genuidade daquela expressão. Tenho a certeza de que é alguém importante para mim, que nos conhecemos e

que aguardo a sua chegada com entusiasmo.

Quando tomo consciência de quem sou, nada naquele cenário faz sentido mas naquele momento é impossível desviarme do decorrer de acontecimentos. A casa é antiga mas está meticulosamente cuidada e bem decorada. Sente-se o perfume das rosas amarelas e vermelhas do centro da mesa de jantar, da lavanda lilás plantada na pequena varanda. Tudo é familiar para mim, sinto-me protegida e tranquila. O jantar parece ser requintado, provavelmente mais do que nos outros dias. Sinto que é um dia especial, como se comemorássemos algo. Espero-o com ansiedade, como se tivesse esperado todo o dia por aquele momento.

Ouçõ os seus passos apressados a subir as escadas do lado de fora e na porta sinto o barulho de uma chave que a tenta abrir. Levanto-me do alpendre e aproximo-me ligeiramente da porta de madeira escura e aspecto cuidado. Espero pelo momento em que abre a porta e assim que o faz corro para o abraçar. O seu olhar é terno e saudoso e os seus braços acolhem-me com entusiasmo. Assim que volta a pousar-me no chão conduz-me até à pequena poltrona florida sobre a janela pedindo para me sentar. À minha frente ajoelha-se sobre uma perna e segura as minhas mãos como se tivesse algo importante para me contar. O seu trabalho de investigação na faculdade de medicina tinha sido subsidiado por um grupo de homens influentes da época. A luz do sol reflecte sobre as vidraças, iluminando o seu rosto que a mim me parece perfeito. A sua presença deixa-me ligeiramente nervosa de uma forma positiva, tenho a certeza interior de que aquele homem tem o meu amor. Só existe uma maneira de ficarmos sem fôlego sob um breve olhar e é estando apaixonados. Mas o que sei eu sobre o amor? Desconheço em absoluto esta forma de amar, pelo menos no meu mundo. Mas quando sonho com Jack todas as sensações se tornam reais para mim, como se as conhecesse. Talvez as tenha de facto vivido. Quando sonho com Jack, estou certa de que há paixão em mim. Quando se aproximava um pouco mais, algo no meu estômago se contorce e não consigo evitar o trejeito

pontual de morder subtilmente o meu lábio. As suas palavras não são muito claras para mim, talvez não consiga aceder a toda a informação daquele registo. Contudo, a sua última frase enquanto ainda se encontra ajoelhado à minha frente é bem clara e sonante: “Agora que tenho aquele emprego posso dizer-te o que vai dentro de mim há demasiado tempo...eu amo-te mais do que qualquer outra coisa neste mundo...nada me daria maior felicidade do que aceites casar comigo...”. Os seus olhos fitam-me vidrados num misto de paixão e medo, como se a minha resposta significasse o mundo para ele. Do bolso retirou uma caixa de veludo preta que abriu à minha frente. Lá dentro encontrava-se um pequeno anel de ouro torneado com singelas pedras brilhantes que colocou gentilmente no meu dedo. Dentro de mim sinto que não consigo mover-me. O meu coração bate de descontrolado e o ar parece rarefeito para os meus pulmões, até que em poucos segundos a minha voz cede, respondendo-lhe: “Nada me faria mais feliz do que partilhar a minha vida contigo...ficar ao teu lado...para sempre...”. Era tudo o que desejava, passar o resto da minha vida com aquele homem que eu tanto amava. Os seus olhos não largaram os meus e com um sorriso levantou-se puxando-me para os seus braços. Deu uma volta comigo no colo e com um sorriso disse: “Mr. e Mrs. Robinson”. Deixou-me escorregar sobre o seu corpo até ter os pés de volta no chão e, segurando o meu rosto com gentileza, beijou os meus lábios uma e outra vez. A sua respiração ficou ligeiramente ofegante e eu parecia ter borboletas dentro do meu estômago. Os seus lábios pararam de beijar os meus e com ternura ajeitou o meu cabelo ao mesmo tempo que fitou seriamente os meus olhos, como se fosse perder o controlo. Numa fuga subtil sorriu e dirigiu-se ao parapeito da janela por trás das suas costas. Da janela podia ver-se a cidade e um pequeno café na esquina. Despiu o casaco e acendeu um cigarro. Trazia uma camisa branca cujos suspensórios que a traçavam delineavam as suas costas. O meu batimento cardíaco ainda não se tinha recomposto daquele beijo. Pensei mesmo que se ouviria no silêncio da sala. Naquele momento dirijo-

-me à cozinha, trazendo nas mãos o que parece ser chá gelado, pousando-o sobre a mesa de jantar.

Quando volto a entrar na sala, sinto que o seu olhar persegue o meu movimento. Junto à janela sinto que sorri enquanto admira o meu jeito e termina o seu cigarro. Começo a pôr a mesa e sinto-me a sorrir sabendo que me tenta fitar. Desloco-me sorrateiramente na sua direcção, contornando a poltrona junto à janela onde se encontra. Jack sabe que me aproximo mas continua a olhar pela janela como se não o soubesse. Coloco-me por trás das suas costas até ter a certeza de que consegue sentir a minha respiração no seu pescoço e quando julga que o vou beijar retiro-lhe o cigarro da boca num gesto repentino e atiro-o pela janela fora. “Hum...não devias ter feito isso...” disse com um ar matreiro. Num ápice levanta-se do parapeito e tenta agarrar-me pela cintura. Dou um grito em forma de gargalhada e consigo evitar que me apanhe. Tento fugir até ao quarto mas ele consegue apanhar-me antes que o consiga fazer, atirando-se sobre mim contra o sofá do outro lado da sala. Ambos nos ríamos de forma genuína, contudo em poucos segundos o riso foi substituído dos nossos rostos por uma expressão bem mais séria. Não era fácil estar tão próxima dele sem que o meu corpo se alterasse. O desejo de o ter chegava a ser avassalador. Parei de sorrir e com o seu rosto sobre o meu, os seus olhos olharam intensamente os meus, como se quisesse ver dentro de mim. O seu toque deixa-me totalmente desarmada, de tal forma que perco a noção do tempo ou de mim mesma, como se ficasse presa naquele momento. Pela janela acima de nós entra uma brisa que ondula a cortina e fá-la tocar no meu joelho descoberto junto à sua pele, fazendo-me acordar ligeiramente da minha embriaguez. Contudo, percebo que não é possível voltar atrás a partir daquele momento. Jack colocou a sua mão por trás das minhas costas e num gesto determinado puxou-me contra o seu corpo. Podia sentir a sua respiração como se fosse minha. Coloquei a minha mão sobre o seu peito quente desapertando-lhe dois botões da camisa. Ao mesmo tempo o seu braço, num gesto delicado mas firme,

circundou o lado da minha cintura. Com o meu corpo junto ao seu conseguia sentir o seu batimento cardíaco. O tempo parecia ter parado. A intensidade daquele momento gravava na minha mente todos os pormenores do seu rosto, o seu cheiro, o azul esverdeado dos seus olhos, a forma dos seus lábios...e apesar do medo que sentia estava completamente envolvida por aquele olhar intenso e profundo. Gentilmente entrelaçou os seus dedos no meu cabelo, acariciando a minha nuca. Com a outra mão deslizou levemente sobre o meu rosto como se estivesse a sentir o seu recorte. Lentamente desceu até ao meu pescoço fazendo os seus dedos escoarem até à minha clavícula, descobrindo o meu ombro. A pele de todo o meu corpo reagiu àquele toque, arrepiando-se ligeiramente. Aquela sensação é desconhecida para mim, como se os meus pés ficassem sem chão. O meu coração bate tão fortemente que por momentos penso que vai parar, como se o meu desejo me fizesse morrer envolta naquela paixão avassaladora. Acima de tudo, desejava intensamente que me beijasse. Perguntava-me ao que saberiam os seus lábios naquele momento. O silêncio agravou-se. O meu coração disparou e a sua respiração tornou-se mais forte. Fitámo-nos um ao outro como se fôssemos capazes de mergulhar no espírito um do outro, vermo-nos na totalidade e tornarmo-nos uníssonos. Por momentos pensei que fosse abandonar o meu corpo, como se entrasse num estado de transe deliciosamente perigoso. Suavemente aproximou os seus lábios que num movimento lento aconchegaram os meus. Antes que pudesse voltar a abrir os olhos e ver o seu rosto novamente acordo repentinamente. O desejo e o medo repetem-se dentro de mim sempre que sonho com Jack.

Por vezes o sonho era mais real, de tal forma que quando acordava sentia o meu corpo mais denso como se quisesse materializar-se. Eu não tinha mais um corpo físico. Pertencia ao povo de Aruniek, seres de luz que habitam a cidade intraterrena de Méliek. Existem mais como nós. Na realidade são oito as cidades que se estendem abaixo da superfície. Contudo, apenas o meu povo assume a forma de espectro. Apesar disso,

Aruniek e Homens não diferem muito na sua silhueta. É na sua forma de ver a vida que o Homem se distancia de todos os outros. A sua energia é rude e agressiva, capaz de grandes males. Por isso se mantém inconsciente sobre o que é realmente importante...a vida em si mesma, o espírito que os seus corpos sustentam...tudo isso parece ter sido esquecido pelos seres da superfície. Em Méliek a vida é valiosa para nós, uma bênção dos céus e da grande mãe. Todos os seres são importantes, sem uns, os outros não existiriam. Por isso, somos gratos por esta grande dádiva que é a vida...amá-la e respeitá-la não é mais do que amar e respeitarmo-nos a nós próprios.

Eu amava Méliek e o meu povo mas...a superfície fascinava-me. Talvez por ser cheia de vida. Por isso, vinha visitá-la sempre que podia. Ao contrário dos meus irmãos que optavam por uma existência intraterrena, sem interferências do mundo exterior. Mas nada era mais gratificante do que correr sobre a relva verde dos grandes pastos...mergulhar sob a imensidão das águas do mar ou ouvir o vento entoar cânticos antigos sobre as grandes montanhas aveludadas por mantos verdes. Também os meus sonhos pareciam preferir a superfície. No mundo dos Homens tornavam-se mais intensos...mais reais... talvez Jack estivesse mais perto...talvez o seu espírito ainda vivesse entre os Homens...

Sempre que Jack invadia os meus sonhos o meu corpo acordava envolto em pequenas gotículas de água, como se quisesse materializar a minha antiga forma. As minhas células pareciam entrar em euforia e como que por alquimia a humidade do musgo do tronco onde me encontrava parecia querer acalmar o calor do meu corpo. Na verdade, podia materializar-me. Podia absorver os elementos da natureza e criar um corpo. Alguns membros de Aruniek são presenteados com esse dom e eu fazia-o a toda a hora mas...nunca numa humana. Não o poderia fazer sem um registo, algo que me ligasse ao meu novo corpo.

Vislumbrei por momentos a beleza que me circundava, o emaranhado de arbustos e flores delineavam a lagoa em tons de verde e rosa. A ondulação da água acariciava docilmente o



solo coberto de relva. Podia sentir o toque da água através dos galhos da árvore onde me encontrava como se de extensões dos meus braços se tratasse. O sol aquecia subtilmente a terra e esta brotava vapores de sementes de beladona e hortênsia misturados com aromas de várias espécies de folhas, fazendo um conjunto inimitável de odores doces e intensos. Aquele cheiro doce lembrava-me algo familiar, sentia amor dentro de mim de uma forma que julguei não ser possível. A imagem de Jack estava presa na minha memória como uma mensagem encriptada que eu não conseguia decifrar. Tentei ignorar o meu sentimento em relação àquele homem que eu não conhecia o mais que pude. Cheguei mesmo a evitar adormecer mas os sonhos tornavam-se cada vez mais frequentes, não havendo nada que eu pudesse fazer para os impedir.

Em Méliek era fácil partilhar os nossos pensamentos ou emoções. Tínhamos a capacidade de o fazer sem precisarmos de recorrer às palavras, como se fôssemos um só. Energeticamente, os nossos seres comunicavam entre si livremente. Não havia segredos em Méliek mas...eu tinha um...Jack. Não havia qualquer hipótese de os meus sentimentos serem aceites pelo meu povo, assim como Jack. Faria tudo o que estivesse ao meu alcance para os esconder. Mas não eram os meus pensamentos que verdadeiramente me preocupavam mas sim a razão do seu aparecimento. Por muito que o negasse, o meu espírito sabia que os nossos caminhos acabariam por se cruzar, caso contrário nunca teria tido acesso aos seus registos. Nada acontece por acaso. Tudo o que não entendemos são geralmente sinais que a grande mãe nos mostra para que nos possamos preparar. Eu não estava preparada e conter este segredo dentro de mim começava a dilacerar-me.

Havia uma pessoa a quem desejava contar o que se estava a passar todos os dias. Confiava nela como em mim própria. Partilhávamos tudo desde que nasci. Ela era minha irmã mas acima de tudo a minha melhor amiga. Aluni tinha nascido aproximadamente cem anos antes de mim. Não tínhamos reencarnado na mesma era mas, apesar disso, a ligação que

existia entre nós ultrapassava qualquer outra. Dúmia, anciã do povo de Aruniek, costumava dizer que Aluni guiaria os meus passos quando mais precisasse. Talvez ela me pudesse ajudar a fugir deste mal que sinto.

O meu povo não comunicava com a superfície. Quando aqui estava os meus pensamentos eram livres...não tinha de me preocupar com o facto de alguém os poder ouvir. Contudo, Aluni e eu poderíamos fazê-lo se o desejássemos. Podíamos comunicar a uma distância que mais nenhum outro ser do nosso povo conseguia, reagíamos energeticamente uma à outra. Dúmia dizia que partilhávamos muitos registos de vidas passadas, mesmo que não o recordássemos eles existiam, unindo-nos fortemente uma à outra. Quase sempre sentia que éramos inseparáveis. Aluni compreendia-me na totalidade e sabia sempre tudo o que se passava comigo, pelo que já esperava que assim que me ligasse a ela tivesse mil questões para colocar. Quando o fiz, como era de esperar, tinha preparado um sermão por ter estado tanto tempo fora de Méliek e por ter omitido o meu paradeiro a Atenias.

— Tens de voltar. — Disse-me com algum sobressalto. — Tu sabes que não devemos ir à superfície. Qualquer dia Atenias proíbe-te que o faças.

— Sim, eu sei. — Respondi com serenidade, assumindo inteiramente a minha culpa.

— O que é que se passa contigo? Ultimamente não tens feito outra coisa. — Aluni sabia que havia uma razão para eu vir à superfície tantas vezes mas também sabia que eu ainda não estava preparada para a partilhar com ninguém.

— O meu coração está sempre em Méliek...junto do meu povo...todos sabem disso... — Respondi com a imagem de Jack a gritar dentro de mim.

— Sim, isso todo o teu povo sabe mas as verdadeiras razões que te trazem à superfície estão escondidas dentro de ti a sete chaves. — Senti a mão de Aluni nas minhas costas. Tinha vindo à superfície mesmo contra a sua vontade. — Tinha de ver se estavas bem... — Coloquei a minha mão sobre

a sua com ternura.

— Senta-te, irmã. — Pedi com os olhos postos sobre as águas da lagoa. Aluni sentou-se atrás de mim em silêncio. — Esta é a principal razão pela qual venho à superfície...a beleza deste lugar...é única. — Mas tens razão...os motivos que me prendem à superfície nos últimos dias são bem mais complexos e difíceis de explicar. — Era difícil partilhar os meus pensamentos sobre Jack com Aluni mas sentia que tinha de o fazer, devia-lhe isso.

— Não tens de me contar, Lunia... — Disse-me voltando o meu rosto para que a olhasse. — Só não quero que te magoes e é difícil por vezes entender o que se passa dentro de ti. Eu sei que és diferente do resto de nós...só me custa habituar a essa ideia de vez em quando... — Fitei Aluni com um sorriso sereno. Sabia que não era justo esconder-lhe o que se passava comigo...não a ela que esteve sempre do meu lado...

— Eu quero contar-te. — Afirmei convicta. — Apenas receio um pouco a tua reacção...não sei se entenderias, só isso...

— A minha reacção? Sabes que nunca te julgaria...de qualquer modo já estou habituada às tuas loucuras... — Respondeu divertida, tentando tranquilizar-me.

— Mesmo que envolva o mundo dos Homens? — Perguntei ganhando coragem para lhe contar sobre Jack.

— Lunia? O que queres dizer com o mundo dos Homens? Começas a preocupar-me... — O seu rosto tinha ficado sério, tal como eu receava.

— Isso era o que eu temia...que não estivesses preparada para o que te quero contar...

— Por favor, irmã...diz-me o que é que se passa...estou seriamente preocupada. Sabes que é estritamente proibido interferir na vida dos Homens...o seu mundo é proibido para nós...por favor diz-me que não falaste com um...

— Calma, Aluni...não contactei com nenhum ser da superfície... — O rosto de Aluni ficou mais sereno por um momento. — Pelo menos não da forma que tu pensas... — Acrescentei sentindo uma ligeira tristeza dentro de mim.

— A que outra forma te referes? — Perguntou com o rosto novamente inundado de preocupação.

— Nos meus sonhos... — Murmurei lembrando com saudade o seu toque sobre o meu rosto antes de acordar. Aluni parecia aliviada. Por uns segundos ficou calada como se estivesse a recuperar de uma notícia avassaladora.

— Ok. Sonhar é bom...não há mal nenhum nisso... — Aluni parecia falar para ela própria como se quisesse convencer-se de que não havia nada de mal comigo. Por segundos o seu ar atrapalhado fez-me sorrir e esquecer a confusão que existia dentro do meu peito. — E que sonhos são esses que te prendem aqui dias sem fim?

— Hum...essa é a parte mais difícil...

— Diz-me...não há nada de mal em sonharmos com coisas que não conhecemos...por vezes até é normal. Às vezes são medos ou...

— Aluni! — Exclamei para que parasse de falar àquela velocidade. — Os meus sonhos não têm nada de desconhecido...tenho sonhado com uma vida passada...cerca de 200 anos atrás. — Aluni está agora novamente em silêncio com o olhar fixo no meu movimento.

— O que é que isso pode ter a ver com o mundo dos Homens? — Perguntou a medo.

— Eu fui um deles nessa altura. — Respondi com serenidade, olhando de frente para os seus olhos. Aluni estava estática, sem resposta. Os seus olhos não se mexeram um milímetro do meu rosto.

— Como é que isso é possível? Todos sabem que o povo Aruniek descende dos grandes druidas que habitavam as cidades antigas de Dróniha...os seus espíritos nascem em Méliek há centenas de anos... — Aluni não aceitava que eu pudesse ter sido humana. Não havia lugar para os Homens no meu mundo. O seu rosto mostrava confusão mas o que me magoou foi ver a decepção, ainda que fugidia, dos seus olhos.

— Tal como disseste, talvez eu seja diferente. — Disse-lhe com alguma mágoa. Na verdade acreditava que todo o ser po-



deria ser bondoso se escolhesse fazê-lo e os Homens não eram exceção. — Como podemos nós julgá-los se mal os conhecemos? Não entendes? Talvez pertencamos todos ao mesmo lugar...

— Perdoa-me Lunia...não queria magoar-te. Apenas é difícil aceitar algo que interiorizamos que é errado como algo...bom. — Senti que Aluni começava a criticar-se pelo seu julgamento e isso eu não queria que acontecesse.

— Já pensaste que talvez haja luz no coração dos Homens? Talvez se lhes for dada uma oportunidade...talvez se os ajudarmos a encontrar de novo a luz dentro de si...a viver em harmonia com a grande mãe... — As minhas palavras mostravam o meu entusiasmo. Contudo, Aluni não cedeu à fé que depositava naquele mundo que tanto me aconchegava.

— Desculpa, irmã mas...os Homens provaram-nos uma e outra vez que não são capazes de ver além dos seus próprios egos. Gostava que fosse diferente mas não é. — As palavras de Aluni eram duras como pedras no meu coração. Como poderia eu dizer-lhe que em tempos amei um homem mais do que qualquer outra coisa? Como poderia eu dizer-lhe que este homem era bondoso e justo?

— Aluni, eu fui um deles! Não entendes? Acreditas mesmo que o meu coração é vil? Como podemos nós condenar o que não conhecemos de todo?

— Tu já não és um deles...isso pertence ao teu passado. Tu pertences ao povo de Aruniek...talvez mesmo os teus sonhos estejam errados...talvez estejas apenas confusa... — Aluni não queria aceitar que eu outrora fora humana e parecia não haver nada que eu pudesse dizer para acalmar o seu coração.

— Talvez se eu te mostrar...talvez se vires através dos meus olhos consigas entender. — Talvez se mostrasse a Aluni as imagens dos meus sonhos, ela compreendesse porque me sentia daquela maneira. Aluni mostrou-se intrigada mas relutante a mudar de ideias.

— O que poderias tu mostrar-me? — Perguntou com a certeza de que nada a faria mudar de ideias em relação ao mundo dos Homens.

— Os meus sonhos... — Murmurei.

— Lunia? — Perguntou com receio provavelmente por sentir que a levaria numa viagem sem regresso.

— Confias em mim? — Perguntei confiante.

— Acho que... — Antes que Aluni pudesse acabar de responder segurei-lhe na mão com vigor e sorri.

— Abre a tua mente... — Disse-lhe com algum sarcasmo.

— Luniaaaa... — Sem espaço para mais justificações ou argumentos liguei os meus pensamentos a Aluni, fazendo-a viver os meus sonhos com todos os pormenores...no tempo da terra não demorou um minuto para que Aluni voltasse a despertar. Assim que voltou a si, o seu rosto era de pura confusão como se um conflito interior se tivesse instalado dentro do seu peito. Ficou por momentos calada olhando o meu rosto que pedia em segredo que ela entendesse. Aluni era demasiado importante para mim, não queria perdê-la. — Não fazia ideia... — Murmurou ainda incrédula. — Como pode isto ser possível?

— Não faço ideia mas...tudo isto existe dentro de mim...não posso ignorar o que sinto. — Aluni olhava-me ainda confusa mas podia ver a ternura a envolver o seu olhar novamente. Olhámos uma para a outra por mais um momento até que Aluni começou a sorrir. Começámos a rir até as gargalhadas ecoarem sobre a lagoa.

— Estou fascinada...não fazia mesmo ideia... é tudo tão...

— Aluni mostrava um entusiasmo genuíno.

— Intenso...? — Completei percebendo exactamente o que queria dizer. As coisas eram bem diferentes em Méliek.

— Hum...sim... — Respondeu voltando a rir com vontade. — Lunia...todos nós sonhamos com a ínfima hipótese de encontrarmos o outro lado de nós próprios...a nossa outra metade...alma gémea...o que lhe quiseres chamar...a tua tinha de ser um homem. Valha-nos a grande mãe... — Aluni parecia agora divertida e tentava tirar o melhor partido daquela situação. — Milhares de Centelhas de nós estão espalhadas por todo o universo, poder encontrá-las na nossa realidade é demasiado grandioso mas...no teu caso não sei o que te diga...

não sei mesmo. — Aluni mantinha o sorriso trocista.

— Pára com isso! — Exclamei sem conseguir conter o riso. — Tenho medo do que se possa avizinhar... — Murmurei ficando novamente nostálgica.

— Lunia, são apenas sonhos...não tens de te preocupar... — Disse-me tentando tranquilizar-me. Tinha a certeza de que não eram apenas sonhos. Sabia que o voltaria a encontrar, só não sabia como ou quando mas seria uma questão de tempo e isso eu tinha de sobra. — Talvez seja o teu inguíá a mostrar-te algo sobre ti própria...talvez precisasses apenas de saber que um dia foste humana... — Aluni achava que não passavam de sonhos que me ajudariam a ir ao encontro de mim própria. O povo de Aruniek acredita que o único caminho para a sabedoria é aceitarmo-nos com tudo o que já vivemos e somos e, nessa perspectiva, os meus sonhos com Jack ganhavam um novo sentido.

— Não te posso mentir...não sinto que esse seja o motivo por que sonho com Jack mas...talvez possas ter razão. — Disse-lhe, achando que poderia ser melhor não forçar Aluni a sentir de uma forma que não era a dela.

— Em Méliek todos sabem da importância de ouvirmos o nosso inguíá. Deves continuar a fazê-lo e interpretar os seus sinais...apenas receio que a tua necessidade constante de procurar coisas novas te conduza à ilusão...por isso te digo, irmã...entende os teus sonhos mas não tentes que eles sejam uma realidade que já não existe...tens de te lembrar de quem tu és agora...Lunia, filha de Méliek...Aruniek é o teu povo e nós precisamos de ti ao nosso lado. — Enquanto ouvia Aluni o meu olhar foi-se perdendo nas águas da lagoa.

— Sim, irmã, deves ter razão...perdoa o meu devaneio... — Disse-lhe preparando-me para regressar a Méliek. Sentia-me melancólica, até mesmo triste. Como poderia ser certo ignorar o que via? Não entendia porque relembraria eu aquele amor para depois ter de esquecê-lo. Mas Aluni provavelmente tinha razão. Seria quase impossível que ele fosse real neste mundo. Talvez devesse mesmo ignorar aqueles sentimentos sem sentido.

— Vamos voltar a casa... — Pediu-me com serenidade. Ao que acedi com um sorriso. Começámos a nossa caminhada com tranquilidade. Podíamos chegar a Méliek em alguns minutos. Contudo, Aluni manteve o passo lento. Sei que tentava animar-me deixando-me contornar a beleza daquela lagoa antes de regressarmos. Contudo, o caminho começava a chegar ao fim depressa demais. Era difícil percorrer um caminho tão curto quando somos capazes de nos mover à velocidade do vento.

Tínhamos regressado a Méliek. Era sempre bom ser banhada pela sua energia. Na realidade, era bem mais fácil encontrar paz interior junto da minha benjiá do que em qualquer outro sítio. Mesmo assim, não conseguia esquecer a superfície. As benjiás eram seres muito puros. Árvores de grande porte que nos acolhiam no interior dos seus troncos para que pudéssemos revitalizar os nossos corpos e espíritos. Quando nascíamos era-nos atribuída uma benjiá, contudo, foram muitas as vezes em que fugi para dormir ao lado de Dúmia. O meu espírito sempre havia sido inquieto, por isso, quando era mais nova recorria muitas vezes ao seu colo aconchegante. Hoje em dia já não saberia viver sem a minha benjiá. É minha confidente há duzentos anos...as suas células estão cheias das minhas memórias. Cada um de nós está ligado à sua benjiá para sempre.

Aluni rapidamente juntou-se aos nossos irmãos mas eu precisava de um tempo só. Decidi visitar as águas da grande cascata de Sylia, uma das muitas cascatas de Méliek. As benjiás situavam-se bem no meio do nosso maior vale, numa clareira perto do grande rio de Quiluak, contudo, adorava saborear as quedas de água vindas dos céus de Méliek. Na realidade não eram mais do que lençóis de água milenar que pontualmente escoavam pelas pequenas reentrâncias dos cristais que formavam o nosso céu. Seria difícil ter um sol debaixo do solo, por isso a grande mãe providenciou-nos um céu que pudesse reflectir os seus raios desde a superfície até Méliek. À noite a energia dos nossos cristais iluminava-nos do mesmo modo. Contudo, a luz do sol era substituída por rasgos de luz branca, dourada e púrpura que, tal como pirilampos, voava sobre os céus. Era

um dos meus momentos favoritos, para ser honesta. A noite em Méliek era indescritível, inigualável a qualquer outra.

Sentei-me junto à grande cascata de Sylia, mergulhando os pés nas suas águas cristalinas. Majestosos rochedos lapidados acolhiam as águas dos céus e devolviam-nas aos solos, formando pequenas ribeiras de água pura e doce que alimentava a terra por onde escorria. Dezenas de espíritos da terra fundiam-se na brisa suave do vapor da água, ondulando formas dançantes de todas as cores como se de uma melodia se tratasse. Aquele era o meu mundo, um mundo onde todas as coisas coexistiam em harmonia e paz.

— Lunia... — Atenias tinha surgido atrás de mim. Corri para o abraçar. Atenias era um dos nossos anciãos. O bem-estar de Méliek era o seu maior propósito. Aruniek era o seu povo, ele era o seu líder. — Estava preocupado contigo...novamente na superfície, hum? — Perguntou com alguma condescendência retribuindo o meu abraço.

— É mais forte do que eu... — Murmurei não querendo feri-lo. Sabia que Atenias era defensor convicto de que a nossa existência deveria ser vivida no mundo intraterreno. Atenias não compreendia as decisões dos Homens. Não percebia como poderiam atentar contra a grande mãe.

— Eu sei...talvez um dia a vida te convença que isto... — Disse abrindo os braços sobre a grande Sylia. — Isto é a tua casa...o teu espírito entenderá que não precisas de nada mais...o teu lugar é entre o teu povo. — O discurso de Atenias não era novo para mim. Quando mo dizia limitava-me a abraçá-lo e a sorrir. O espírito de Atenias era sábio e forte. Na realidade era o nosso membro mais antigo...o seu conhecimento ultrapassava qualquer outro. E a generosidade do seu coração era grandiosa e justa. Atenias havia assistido a todas as guerras do Homem. Ele considerava os seus motivos inaceitáveis. A que mais o incomodava era a guerra religiosa, muitas vezes proclamadas de guerras santas. Atenias dizia que usarem o amor dos Deuses para matarem os seus irmãos ultrapassava qualquer flagelo ou maldade que ele alguma vez tivesse presenciado. Não ousaria

judgá-lo. Os seus olhos haviam visto algo que eu não conhecia. Há muito tempo que Atenias tinha voltado as costas ao mundo dos Homens. Por isso condenava a materialização. Considerava que era um acto demasiado humano e sem propósito. Desejava que pensasse diferente. Sabia que sempre que me materializava lhe lembrava a dor da desilusão por acreditar que o Homem seria capaz de entender a essência da vida e de todas as coisas. Mas eu não me sentia como Atenias. Adorava materializar-me em tudo o que era vivo. Considerava a superfície simplesmente esplendorosa. A luz de todos os seres que tocava era majestosa e complexa. Cada grão de terra, cada brisa de vento, cada folha de árvore era cheia de sabedoria e perseverança. Admirava como a vida terrestre lutava contra os sinais do tempo, mesmo durante as mais profundas adversidades. Como o povo da ilha superava a sua dor quando perdia os seus entes queridos nas intempéries. A forma como o amor perdurava no tempo era no mínimo fascinante para mim. Tinham arranjado uma forma de serem imortais, amando.

O amor-dos-homens para mim era fascinante. Não era um acto que se atrevessem a racionalizar e, no entanto, não sabiam viver sem ele. Inevitavelmente, a dor da perda era uma realidade no mundo dos Homens. A morte era chorada quase sempre. As suas mentes desejavam acreditar que havia algo mais depois de os seus corpos padecerem mas os seus corações estavam demasiado tristes para ter fé em algo que parecia tê-los abandonado...o seu Deus. Na realidade foram eles que o exilaram mas pareciam não ter consciência disso. Mas eu continuava a ter fé nos Homens. Alguns tinham sido responsáveis por grandes feitos. Corações fortes e cheios conquistaram a liberdade do seu povo em muitas ocasiões.

Eu continuava a acreditar que um dia todas as coisas encontrariam o seu caminho e os Homens não seriam diferentes. Inconscientemente, todo o ser humano sabe que a sua divindade, o seu dom nascerá da sua capacidade infinita de amar. Já tinha visto mães curarem os seus filhos moribundos nos braços, homens erguerem-se do solo gravemente feridos em

luta contra a opressão. Já tinha visto a luz nos recantos mais decadentes, nos olhos daqueles que já tinham perdido toda a esperança, de quem se tinha deixado consumir pelo ódio, pelas drogas ou pelo luxo. Jamais poderia ignorar aquele povo. Sabia que o seu despertar era possível, já tinha visto a acontecer, mesmo nas situações mais improváveis. No entanto, sentia uma parte de mim morrer sempre que sentia a mãe terra ser consumida e devastada.

Sabia que para que um novo mundo se criasse seria necessário dar-se uma desestruturação do antigo. Era necessário que o Homem despertasse para uma nova consciência. Uma nova consciência de si próprio. Nunca o Homem que alcançou o maior e distinto império teve consciência da sua verdadeira força.

## Capítulo 2

# MARIA

---

A manhã era quente, estava ligeiramente atrasado mas à medida que o eléctrico avançava já podia ver o letreiro — centro hospitalar de oncologia de Los Angeles. O trânsito era hediondo, dificilmente algum outro odor sobrevivia no ar além do combustível queimado dos automóveis. Ao ritmo do eléctrico podia ver a minha imagem reflectida nas montras espelhadas de Los Angeles, via um homem totalmente desgovernado, não tinha noção do quanto estava desfraldado. A roupa estava coçada e os sapatos gastos. Não me lembrava da última vez que tinha comprado roupa. Ao ver a mala de cabedal desfiada nem queria acreditar que ela me acompanhava desde a universidade. O cabelo estava despenteado, espetando em todas as direcções, agora compreendia porque os meus colegas não se sentiam confortáveis comigo na hora de almoço. Senti-me bem com aquele pensamento, era a minha forma de protesto.

Esperava-me mais uma reunião entediante, cheia de doutores devidamente diplomados e emproados. Era quase cómica a forma como punham em cima da mesa assuntos de extrema importância, tais como aumentar os rendimentos do Centro fazendo redução de pessoal e diminuindo o tempo de ocupação

“

No momento em que me viu, os seus olhos fitaram os meus e envidraçaram-se... podia sentir a água dos seus olhos nos meus e o arrepio da sua pele na minha... tudo o que fizemos foi permanecer em silêncio a reconhecer a alma um do outro.

Ambos sabíamos que no percurso da nossa existência ela tinha pertencido ao outro, numa entrega incondicional do nosso ser à outra parte de nós mesmos. Não existia definição para aquele sentimento... nada do que poderia ser dito na língua dos Homens era capaz de delimitar as fronteiras daquele sentimento, a palavra amor tinha-se tornado insuficiente.

”